

MONOGRAFIA

TCC/UNICAMP

M491q

2181 \FEF/702

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO PRESENTE
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR

LUCIANA RODRIGUES DE MELO

CAMPINAS
1997

TCC/UNICAMP
M491q



1290002181

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A QUESTÃO DA MOTIVAÇÃO PRESENTE
NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

LUCIANA RODRIGUES DE MELO

Monografia de conclusão
de curso de licenciatura
em Educação Física pela
UNICAMP, sob orientação
do prof.º Dr. Pedro José
Winterstein.

**CAMPINAS
1997**

AGRADECIMENTOS

- A minha mãe, minha especial, pela sua coragem, pelo seu amor, pela sua luta em nos criar sozinha;
- Aos meus tios Modesto, Adelina e Ivone pela oportunidade de estudo;
- A todos os amigos da minha turma, em especial a minha amiga Patrícia por ter me dado muito apoio e muita força em todos os momentos;
- A todos os professores da Unicamp, por terem me feito crescer ajudando-me na realização desta conquista;
- Ao meu orientador o professor Dr. Pedro José Winterstein pela sua paciência e dedicação ao decorrer desta caminhada;
- A Deus e ao meu anjo da guarda por iluminar-me e proteger-me.

SUMÁRIO

Resumo.....	1
Introdução.....	2
1 - Motivação.....	3
1.1 - A Motivação e o Comportamento Humano.....	7
1.2 - Motivo de Realização.....	10
2 - A Aprendizagem e a Motivação.....	16
2.1 - Motivação Intrínseca para a Aprendizagem.....	20
2.2 - A Motivação e o Papel do Professor para a Aprendizagem.....	23
3 - A Educação Física Escolar.....	29
3.1 - Uma Pesquisa sobre a Educação Física Escolar.....	29
3.2 - A Importância da Educação Física Escolar.....	33
4 - Motivação para a Educação Física Escolar.....	35
Considerações Finais.....	39
Bibliografia.....	41

RESUMO

O conteúdo deste trabalho trata sobre a questão motivacional presente nas aulas de Educação Física Escolar. Algumas teorias são citadas a fim de poder salientar aquela em que o estudo se baseará.

A motivação está relacionada com todas as espécies de comportamento. Os motivos de realização são responsáveis por desencadear ações que tem como características a busca de realizações existindo fatores que possam determiná-lo.

A motivação é considerada importante para a aprendizagem, podendo implicar tanto em suas dimensões extrínsecas quanto intrínsecas que são consideradas ideais.

O professor é um dos principais responsáveis para que suas aulas sejam motivantes, utilizando-se de várias estratégias para que isto ocorra e desta maneira ele deverá cumprir com o papel educacional que a Educação Física Escolar tem.

Logo, a motivação sendo responsável por satisfazer as necessidades dos alunos, despertar o prazer, tornando a aprendizagem mais significativa.

Faz-se necessário estudar a motivação para a aprendizagem como um dos fatores intervenientes no processo de Educação Formal e auxiliar a todos os professores e as pessoas ligadas a esta área, de como se pode melhorar o processo de ensino-aprendizagem considerando a questão da motivação.

INTRODUÇÃO

O homem é o único animal sobre a face da terra capaz de alterar seu meio ambiente e até mesmo a si próprio. Dotado de capacidades que o habitam a pensar e expressar seus pensamentos, memorizar, resolver problemas, ter e reconhecer emoções e sentimentos, desconhece ainda assim muito a respeito de si, do que o leva a agir, a pensar ou sentir.

É de conhecimento público que crianças criadas entre animais ou alienadas do convívio com outros humanos, têm muitas dificuldades de adaptação ao meio humano socializado após serem resgatadas da situação anterior em que viviam. Portanto, grande parte da nossa chamada condição de “Humanidade” é decorrente do processo de socialização, ou seja, é a convivência com outros seres humanos que torna a pessoa um homem.

Em nossa sociedade, boa parte do processo de socialização se dá dentro da Escola. Ainda que assuma sua função social enquanto Instituição Formal de Ensino, é no dia-a-dia do professor, nas interações professor-aluno que se revelam dificuldades e contradições que interferem no processo de socialização e/ou “humanização do aluno”.

Para este trabalho elegi estudar a “Motivação para Aprender” como um dos fatores intervenientes no processo de Educação Formal. Isto porque acredito que o aluno não seja um agente passivo no processo educativo. Ele também interfere no processo seja enquanto parte viva e

atuante de um processo social mais amplo, seja como indivíduo, cuja combinação de características físicas, psicológicas, emocionais e motivacionais é única.

Neste estudo buscou-se estudar a motivação para a aprendizagem em um dos fatores intervenientes no processo de Educação Formal e auxiliar a todos os professores e as pessoas ligadas à esta área, de como se pode melhorar o processo de ensino-aprendizagem considerando a questão da motivação.

1 - MOTIVAÇÃO

A motivação é estudada por diversos autores e tem sido considerada como um dos determinantes no comportamento de indivíduos e grupos. Seguem-se algumas das diferentes concepções sobre a motivação.

1. Teoria Cognitivista

Antigos filósofos como Platão e Aristóteles tiveram a idéia de que o homem é um ser racional, que apresenta desejos e usa todas as suas capacidades para satisfazê-los. A pessoa pensa em um determinado objetivo e imagina meios para alcançá-lo. A noção de vontade do homem foi importante para esta teoria pois a partir do momento em que o indivíduo, podendo controlá-la, torna-se responsável pelas suas ações e é através desse controle que ele pode modelar o mundo de acordo com seus desejos (MURRAY, 1978).

2. Teoria Hedonista

O homem busca o prazer evitando a dor e o sofrimento. Também tem sua origem nas antigas filosofias, mas foi bastante contestada por vários psicólogos, pois há pessoas que rejeitam a busca do prazer como sistema de vida e também não podemos saber sobre as sensações íntimas de prazer de cada pessoa. O que pode ser bom para uma pode não ser bom para outra.

Os psicólogos McClelland e Young foram os que trouxeram contribuições refinadas para esta teoria. McClelland afirma que “*a motivação consiste nas provisões ou expectativas aprendidas de uma finalidade, trazendo reações emocionais positivas ou negativas*”. Para ele todos os motivos são aprendidos, sendo a excitação efetiva inata, mas a provisão, adquirida. (MCCLELLAND apud MURRAY, 1978, p. 16).

3. Teoria dos Instintos

Darwin foi o inspirador das teorias da motivação. Porém, nesta teoria torna-se mais evidente seus estudos sobre a teoria da evolução. Para ele, certas ações “inteligentes” são herdadas, tanto as mais simples como as mais complexas. Acreditava que os instintos surgiam através de uma seleção natural. Dentre os vários pesquisadores McDougall desenvolveu a teoria do instinto e a definiu como

“uma disposição psico-física herdada ou inata a qual determina ao seu possuidor, perceber ou dar atenção a objetos de certa classe, experimentar uma excitação de determinada qualidade ao perceber tal objeto e atuar em relação ao mesmo de um modo particular ou experimental, pelo menos um impulso para tal ação”
(McDOUGALL apud MURRAY, 1978, p.17).

Freud também deu importância aos instintos sociais e agressivos. Mas foi McDougall quem abrangeu os diversos instintos como curiosidade, fuga, agressão, tenacidade, entre outros.



4. Teoria dos Impulsos

Este conceito foi apresentado por Woodworth que definiu o impulso como “*uma energia que determina um organismo a ação, em contraste com os hábitos que orientam o comportamento numa direção ou em outra*”. (MURRAY, 1978, p. 18). É através dos impulsos que o corpo tenta buscar o equilíbrio e definiu-se a motivação como impulsos providos de um desequilíbrio, instabilidade ou tensão homeostática.

Para os estudiosos, esses impulsos são tendências para se alcançarem ou evitarem objetivos determinados, provocando-se uma remuneração incentivadora.

Como a teoria cognitivista dominou os estudos sobre a motivação durante os últimos anos, ela será adotada como fonte deste estudo.

1.1 - A MOTIVAÇÃO E O COMPORTAMENTO HUMANO

A motivação está envolvida em todas as espécies de comportamento: aprendizagem, desempenho, criatividade, esquecimento, recordação, atenção e sentimento, sendo que os motivos podem flutuar e combinar-se entre si em vários padrões em diversos momentos.

Sabe-se que é através dos motivos, influenciados tanto por fatores internos quanto por fatores externos, que um ato trará consequências específicas. É através da força e do padrão de cada motivo que ele pode influenciar na maneira de pensar e nas ações em que nos empenhamos.

WINTERSTEIN (1992) define o motivo como constructos hipotéticos que são criados para se explicar as ações dos indivíduos, desencadeando uma ação, dando-lhes uma direção, mantendo o seu curso direcionado a um objetivo e finalizando-a. É, através de uma estimulação, que o motivo dará lugar a um ato que trará consequências específicas; logo podemos dizer que os motivos são instrumentos que orientam a conduta do homem.

MAGILL (1984, p. 239) define o motivo como *“uma força interna que leva a pessoa a fazer algo ou agir de uma determinada maneira”*. Para o autor, apesar dos motivos serem internos, a influência destas causas internas também podem ser externas. Por exemplo: um aluno não quer se matricular em uma determinada disciplina, porém para que ele se forme é necessário fazê-la.

A existência de um motivo está relacionada com os objetivos que uma pessoa escolhe e das recompensas que são efetivas. O comportamento de uma pessoa é motivado num determinado momento de acordo com a característica da situação, que indicará uma maior probabilidade de se alcançar uma meta, de acordo com uma lógica crescente de motivos.

Considera-se como reforço qualquer evento, ação ou fenômeno que serve para aumentar a probabilidade de uma resposta ou de um comportamento que possa se repetir. E como punição exatamente o contrário do reforço, sendo qualquer ação, fenômeno ou evento que diminua a probabilidade de uma resposta ou de um comportamento acontecer de novo. Segundo MAGILL (1984, p. 254) “*o reforço de comportamento desejado é um motivador muito eficaz de comportamento*” e ambos devem ser importantes para o indivíduo em relação ao comportamento de interesse de uma maneira que seja efetivo.

O autor afirma também que a ansiedade é um estado emocional que está relacionado com o desempenho de uma atividade. A ansiedade afeta o aprendizado e o desempenho de acordo com a relação entre o nível de ansiedade do indivíduo e a complexidade da tarefa.

Segundo Logan (apud KOBAL, 1996) tanto a motivação por impulso como por incentivo são necessárias para o desempenho do indivíduo numa determinada atividade. Quanto a isso o autor afirma:

“a motivação por impulso refere-se à origem interna da energia psicológica, direcionando o organismo a fazer algo e a motivação por incentivo refere-se à expectativa do organismo de recompensa para dar uma resposta particular.”

MURRAY (1978) afirma que os motivos podem ser classificados em dois grupos:

- a) Inatos ou Primários - constituídos pela exigências orgânicas e fisiológicas.
- b) Adquiridas ou Secundárias - formados pelas necessidades sociais de origem externa como determinados hábitos, por exemplo.

Este mesmo autor afirma que os motivos sociais são os que dominam a maior parte do nosso comportamento no cotidiano, envolvendo os indivíduos em relação com as outras pessoas.

Dentre os diversos motivos, os mais estudados, entretanto, foram os de Afiliação, Poder e Realização, sendo este último o mais importante no que se refere ao âmbito escolar, segundo McClelland (apud ~~SOUZA~~, 1972).

Koball.

1.2 - MOTIVO DE REALIZAÇÃO

A motivação para a realização é definida por Heckhausen (apud WINTERSTEIN, 1992) como sendo um processo para a busca de uma melhora ou manutenção da própria capacidade nas atividades onde é possível medir o próprio desempenho, sendo que a execução das mesmas pode levar a um sucesso ou a um fracasso.

O motivo de realização pode apresentar tanto a expectativa do sucesso quanto o medo do fracasso sendo que este último pode manifestar-se sobre duas tendências: o medo do fracasso que se refere à noção que o indivíduo tem de si mesmo, e o medo do fracasso que diz respeito ao medo das consequências sociais do próprio fracasso.

COFER (1972) afirma que a expectativa do sucesso é responsável pela ocorrência de respostas que estão relacionadas à realização e que o medo do fracasso inibe ou suprime todas as respostas que são relativas à realização.

O motivo de realização seria responsável por desencadear ações que tem como característica a busca de realização e de acordo com MURRAY (1978), McClelland define a realização como um padrão de excelência onde o principal objetivo é a necessidade de alcançar o sucesso.

Nota-se que pessoas quando motivadas para a realização geralmente empenham-se nas tarefas de uma maneira eficiente, são autoconfiantes e preferem conhecer o seu desempenho. Elas também resistem às pressões sociais, gostam de enfrentar riscos em situações que de-

pendam deles mesmos, obtendo boas colocações escolares e escolhem como sócios, especialistas ao invés de escolherem amigos. (MURRAY, 1978)

Dentre outros fatores, o desenvolvimento deste motivo depende da educação familiar recebida, como valores dos pais e da ênfase que eles imprimem a esse gênero das coisas. Nota-se que indivíduos com alto nível deste motivo apresentam mães exigentes que buscam a independência e autonomia dos filhos.

Referindo-se à aprendizagem, vários estudos demonstram que alunos com um elevado motivo de realização aprendem melhor e mais depressa do que os de baixo nível de motivação. Porém, nem mesmo os indivíduos que apresentam uma elevada motivação destacam-se em tarefas monótonas que não impunham desafios.

MURRAY (1978) acredita que havendo uma melhoria do motivo de realização, espera-se que o indivíduo consiga enfrentar novas situações de rendimento mais tranquilo e feliz e que ele seja capaz de desenvolver também a auto confiança e a responsabilidade.

Este motivo é muito importante nas aulas de Educação Física, pois nelas encontram-se presentes determinadas situações de desafio devido ao tipo de tarefas propostas, que podem proporcionar resultados adequados para se avaliar, fazendo com que o aluno possa se auto-superar, vivenciando o sucesso e o fracasso. Assim, segundo VIEIRA (1991), para que o motivo de realização tenha condições de se desenvolver, durante as aulas de Educação Física Escolar poderiam ser trabalhadas atividades que proporcionem a independência, o auto-domínio e

a liberdade, fazendo com que o aluno, através desta estimulação, possa superar todas as suas capacidades.

A autora acredita que em determinadas atividades o aluno sentindo-se motivado a superar a dificuldade da tarefa, chega a atingir a realização com sucesso.

Segundo WINTERSTEIN (1992) existem fatores que determinam o motivo de realização, tais como: o nível de aspiração, norma de referência e atribuição que serão descritos a seguir segundo a visão deste autor.

Nível de Aspiração

Nível de pretensão ou nível de aspiração são expressões que denominam um objetivo a ser alcançado diante de uma determinada situação.

É definido por Frank (apud WINTERSTEIN, 1992) como o maior rendimento a se alcançar em uma determinada atividade comparando com o seu desempenho tido anteriormente na mesma atividade, ou seja, o indivíduo está tentando adquirir uma habilidade nova ou melhorar o seu nível de habilidade.

Segundo WINTERSTEIN (1992), para se determinar o nível de aspiração, o indivíduo deveria escolher entre várias alternativas apenas uma, podendo as expectativas corresponderem ao nível de capacidade da pessoa ou não. Ele se propõe a atingir determinadas metas podendo mudá-las após o sucesso ou o fracasso da atividade. Assim, ao

realizar uma ação motora, o aluno deve estabelecer um nível de pretensão que tenha um significado para ele e a partir do resultado obtido pensa-se nas consequências para uma próxima tentativa.

As pessoas que apresentam o motivo de realização adequado, escolhem as metas de acordo com suas capacidades, apresentando um nível médio de dificuldades. Entretanto, indivíduos que apresentam medo do fracasso, normalmente optam por metas abaixo dos rendimentos conquistados anteriormente pois dessa forma, os resultados conquistados anteriormente são alcançados com mais facilidade, evitando assim, possíveis fracassos, deixando de vivenciar, no entanto, o sucesso com plenitude.

Porém, as experiências passadas podem influenciar as consequências para a realização de uma próxima tentativa. Segundo MAGILL (1984, p. 259) “*indivíduos com experiências passadas de sucesso na realização de certos objetivos, tenderão a tentar com mais afinco no futuro e o oposto também parece verdadeiro para a experiência prévia do fracasso*”.

Além deste fator, um outro parece influenciar o nível de objetivos que uma pessoa escolhe: a personalidade do indivíduo. Conforme cita MAGILL (1984, p. 258-9),

“um indivíduo com um motivo de realização relativamente alto de realização provavelmente adotar um objetivo elevado, embora atingível..., enquanto um indivíduo com um motivo de realização relativamente baixo terá que adota objetivos um tanto baixos, fáceis de atingir...”

Cabe ao professor de Educação Física propor atividades aos alunos que estabeleçam objetivos de uma maneira a respeitar a individualidade dos executantes, que sejam interessantes para os mesmos e que estejam relacionadas com as experiências anteriores. Devem ser propostas também atividades em que os alunos possam estabelecer objetivos coerentes com a sua capacidade, considerando o nível de realização desejado pelo aluno.

Atribuição

Após o término de uma ação realizada com sucesso ou fracasso, busca-se procurar as causas que expliquem os resultados obtidos pelos indivíduos. A localização das causas podem ser internas (capacidade, esforço) ou externas (dificuldade da tarefa, acaso).

Os indivíduos motivados pelo sucesso, atribuem as derrotas à falta de esforço próprio e as vitórias às suas capacidades e ao seu esforço. Enquanto que as pessoas motivadas pelo fracasso atribuem o seu insucesso à dificuldade da tarefa e a falta de talento e o sucesso atribuem ao acaso, à sorte. (THOMAS , 1983).

Ao propor tarefas aos alunos, o professor deve preocupar-se em apresentar atividades que despertem a vontade de manter ou elevar a própria capacidade dos executantes.

Norma de Referência

De acordo com Heckhausen (apud WINTERSTEIN 1992), para podermos avaliar os resultados dos rendimentos é necessário que sejam apresentados parâmetros de referência. Esta comparação pode ser feita através de diferentes pontos de referência denominados Normas de Referência.

A Norma de Referência pode ser individual, quando se compara um rendimento com outro realizado anteriormente pela mesma pessoa; ou social quando se compara através de um padrão determinado para todo o grupo.

Segundo Heckhausen (apud WINTERSTEIN, 1992) poderá haver uma melhora na motivação ao utilizar-se a norma de referência individual pois desta maneira o indivíduo vivencia adequadamente os sucessos e fracassos, fazendo com que seu objetivo seja determinado de acordo com sua realidade, através do seu próprio esforço e baseado nas suas capacidades. Isto é de fundamental importância no aspecto educacional, a medida que a norma de referência utilizada para a avaliação dos alunos pode influenciar negativa ou positivamente a sua motivação.

2 - A APRENDIZAGEM E A MOTIVAÇÃO

De acordo com CAMPOS (1971), na vida humana a aprendizagem se inicia antes do nascimento e prolonga-se até a morte. É no decorrer de seu crescimento e principalmente na escola que, através de uma aprendizagem dirigida, o indivíduo adquire hábitos, informações, atitudes e valores que a sociedade impõe para que ele se torne um bom cidadão.

Assim, segundo a autora, a aprendizagem acompanha a vida toda de cada indivíduo, pois é através dela que ele pode relacionar-se melhor com seus companheiros, compreender o seu mundo e melhorar as suas tarefas e viver melhor em seu meio.

Conceituando a aprendizagem, pode-se dizer que ela é uma modificação sistemática de um comportamento por efeito de uma prática, de um exercício ou repetição em função das condições ambientais ou orgânicas, com sentido de uma progressiva adaptação ou de um ajustamento (CAMPOS, 1971).

Considerando a aprendizagem um elemento cultural para a sobrevivência do homem no contexto a qual ele pertence, é a partir daí que o homem vai se adaptando ao desempenhar as funções que são necessárias à sua sobrevivência. Quanto mais explora o seu meio, maior será a probabilidade de haver a construção de conhecimento, ou seja, a aprendizagem.

Quando estamos ensinando, é necessário determinarmos se a aprendizagem está ou não ocorrendo, verificando se os alunos estão

progredindo na aprendizagem. Para MAGILL (1984,p.25) a “*aprendizagem é um fenômeno não observável só podendo ser inferida do comportamento ou de um desempenho de uma pessoa*”.

Para verificar se houve ou não o desenvolvimento da aprendizagem é preciso:

1. Notar se, durante o período em que houve a prática de alguma atividade, houve uma melhora da habilidade;
2. Se com o passar do tempo, existe cada vez menos variabilidade na atividade.

Para BRITTO (1989, p. 63) a educação que implica na aprendizagem é um processo permanente, contínuo, onde se busca:

“o desenvolvimento constante, consciente, responsável e crítico do homem, assim como sua interrelação com a realidade, em função de sua transformação e aperfeiçoamento sócio-político econômico e cultural”.

Supõe-se com esta visão o aluno sendo o centro do processo educacional, onde a sua aprendizagem é baseada o comprometimento e auto-iniciativa.

Este tipo de concepção educacional tem sido aplicada em algumas escolas. Porém, este processo às vezes demora a trazer resultados e a nossa sociedade muitas vezes não tem paciência para esperar por resultados mais profundos e consistentes.

Segundo KOBAL (1996), um fator para que esta pedagogia não seja tão eficaz são os meios de comunicação como televisão, pois além de gerar uma inversão de valores, torna os indivíduos acomodados,

passivos e sem nenhum interesse. Este tipo de situação faz com que seja cada vez maior o número de alunos alienados, sem interesse de buscar algo com o qual eles possam crescer, que tragam algum tipo de conhecimento real e efetivo, estando atentos somente aquilo que lhes interessa no momento.

BRITTO (1989, p.81) acredita que a motivação e a aprendizagem são centradas no estudante. Para ela,

“a motivação é a força que impulsiona na direção de sua auto-realização e está totalmente ligada à participação e a co-participação do estudante no contexto sócio-educacional”.

Logan (apud KOBAL, 1996), alerta para uma combinação entre motivação e a aprendizagem, sendo que as duas devem combinar entre si para se determinar um rendimento, pois este somente ocorre quando a aprendizagem e a motivação estão envolvidas em algum grau.

O autor acredita também que nem sempre a motivação tem um efeito direto sobre a aprendizagem, a afeta indiretamente. Logo, considera-se a motivação necessária ao rendimento afetando a sua natureza e desta forma, implica-se necessária à aprendizagem.

Entretanto, para que a aprendizagem ocorra de uma forma satisfatória, as duas origens da motivação (por incentivo e por impulso) devem estar presentes sem que nenhuma delas falhe.

Segundo MAGILL (1984, p.237)

“a motivação é importante para a compreensão da aprendizagem, do desempenho e das habilidades motoras devido ao seu papel na iniciação, manutenção e intensidade do comportamento”.

Ainda que exista consenso entre autores sobre todo comportamento ser motivado, a motivação constitui-se um dos principais aspectos para o contexto educacional, servindo de fio condutor para as várias situações de aprendizagem, sendo que o aluno deveria apresentar um interesse maior pela atividade.

A motivação para a aprendizagem implica também no conhecimento de suas dimensões extrínsecas e intrínsecas. Assim, a motivação pode ser intrínseca quando ela é feita por prazer, tornando a aprendizagem reforçadora por ela mesma; e extrínseca quando a aprendizagem acontece a fim de atingir um outro tipo de propósito, como receber uma recompensa prometida.

2.1 - MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA PARA A APRENDIZAGEM

O professor de Educação Física, sabendo da importância da motivação como um dos fios condutores da aprendizagem, deverá evitar empregar somente recursos extrínsecos para a aprendizagem. A observação atenta e constante dos alunos nas atividades oferece a ele dados significativos sobre a motivação intrínseca, ou seja, em que medida as atividades estão se revelando prazerosas e estimulantes ao aluno.

A participação do aluno na escolha e no desenvolvimento das atividades não somente o valorizam como oferecem subsídios ao desenvolvimento de sua auto-estima e da motivação para a aprendizagem.

Conforme afirma KOBAL (1996), o problema motivacional na escola é muito mais abrangente, atingindo toda a estrutura escolar, da obrigatoriedade do ensino à desvalorização do professor, do grande número de alunos por classe à avaliação inconsistente, entre outros.

Devemos no entanto, fazer uma reflexão séria a respeito da atitude do professor em sala de aula, pois quando devidamente capacitado dedica atenção constante e necessária aos fatores motivacionais intervenientes na aprendizagem e atua como agente efetivo da educação geradora de transformação social.

No entanto, SNYDERS (1988, p.251) alerta que a sofisticação está longe da escola e afirma: "*os momentos descontínuos das alegrias simples e imediatas vão logo ambicionar e atingir a duração, a fidelidade e a consistência (...) tornam-se cada vez mais satisfações*". Assim, o prazer encontrado na aquisição de cada conhecimento consiste numa

motivação intrínseca necessária para a aquisição de novos conhecimentos, de novas alegrias e através de um conhecimento simples busca-se outros maiores.

Porém, o que é visto na escola é uma idéia errônea em relação à motivação para a aprendizagem, pois a motivação ideal é aquela baseada em estratégias em que os alunos se tornam intrinsecamente motivados, apesar de existirem alguns fatores extrínsecos que sejam positivos na formação do indivíduo, como as relações interpessoais.

Alguns estudos feitos por Atarter, Salomon e Kendal (apud KOBAL, 1996) salientam que em determinadas aulas onde o aluno pode optar por algumas atividades, sua motivação intrínseca tende a aumentar como também sua criatividade e auto-conhecimento, proporcionando a oportunidade para desenvolver sua auto-determinação.

SABINI (1986) alerta sobre a atuação dos profissionais da educação em relação às teorias cognitivistas já que para eles a aprendizagem depende mais da vontade de aprender e de outros motivos internos do que de incentivos externos. Os professores, segundo esta teoria, devem dar muita importância às atividades que buscam a descoberta, pois desta maneira os alunos são incentivados à iniciativa e à criatividade, favorecendo a independência do aluno.

Os educadores também devem considerar, ao propor suas tarefas, o nível de exigências e expectativas dos alunos. As atividades que possibilitem o progresso dos alunos são as mais indicadas, pois assim, o aluno adquire confiança sentindo-se seguro para ir atrás dos seus objetivos.

Estimular a discussão, a troca de idéias, permitir que os alunos se ajudem diante de certas dificuldades são também funções do professor, além de variar atividades propostas em aula, fazer demonstrações desenvolver projetos e fazer pesquisas. Desta forma, os alunos deverão atuar de uma forma organizada e construtiva.

Enfim, embora não se desmereça que as recompensas extrínsecas podem iniciar e manter uma atividade, os teóricos cognitivistas acreditam que elas não sejam suficientes para explicar a maior parte da motivação humana relacionadas com a aprendizagem.

2.2 - A MOTIVAÇÃO E O PAPEL DO PROFESSOR PARA A APRENDIZAGEM

O professor, assim como o aluno, nasceram em local e épocas diferentes, carregando histórias de vida, particulares fatores determinantes comportamento. Assim, o professor tem seu conhecimento construído através de suas vivências, e não somente de sua formação escolar acadêmica, mas também através de outros âmbitos como os sociais, sindicais, políticos, religiosos e comunitários (KOBAL, 1996).

É de fundamental importância a relação entre professor e aluno pois esta poderá deixar marcas no indivíduo para sempre, sendo necessário resgatá-la, compreendê-la para que desta maneira, os objetivos propostos sejam alcançados de acordo com o processo pedagógico desejado.

WITTER (1984, p. 43) cita a importância do professor como motivador, embora não se deva somente a ele esta função:

“o professor é o principal responsável pelo arranjo de condições que motivem o aluno a aprender e tornem a própria aprendizagem de novas respostas suficientemente reforçadora para motivar a aprendizagem”.

A autora acredita que o aluno deve se empenhar na tarefa a ser executada e que veja a aprendizagem como uma conquista pessoal.

O educador deve estar ciente de que todos os conteúdos e informações a serem transmitidas aos alunos devem estar de acordo com

os seus ideais, e objetivos favorecendo seu crescimento como pessoa. Por este motivo, o conteúdo da aprendizagem deve estar totalmente relacionado com a realidade do aluno, pois sabendo qual é a cultura que o aluno trará para a escola, o professor num processo de realização constante com o aluno irá propor um conteúdo de aprendizagem que lhe facilitará a apropriação de uma cultura elaborada.

KOBAL (1996, p. 41) afirma que *“a motivação para a aprendizagem necessita de bases sólidas e flexíveis, no sentido de uma constante avaliação de toda essa dinâmica”*. Assim, diante desta visão, o professor pode optar por um conteúdo programático que não seja repetitivo, que seja crescente no grau de complexidade e que esteja de acordo com as necessidades e o ritmo de desenvolvimento dos alunos.

BRITTO (1989) acredita que com um conteúdo coerente há um “desabrochamento” das forças motivadoras do educando, sendo que todos os aspectos da aprendizagem sejam aceitos pelo seu “EU”, como elementos positivos e favoráveis ao seu crescimento como pessoa. Desta maneira, o estudante irá reconhecer melhor seus sentimentos e receios, escolhendo então direções e soluções próprias.

Cabe também ao professor o papel de coordenar, de problematizar as questões que surgem, desafiando o grupo a crescer enquanto tenta compreender os próprios conflitos. KOBAL (1996) acredita que o aluno sentindo-se co-responsável pela própria aprendizagem, tem favorecida a sua independência e enriquecimento de sua personalidade.

É importante ressaltar a função do professor em auxiliar o aluno na transformação da motivação extrínseca para intrínseca, de for-

ma que ele passe por um processo em que incentivos externos (motivação extrínseca) dê lugar a incentivos que sejam inerentes à atividade (motivação intrínseca). Esta mudança, segundo KOBAL (1996, p. 42) consiste em *“utilizar procedimentos de ensino que levem o aluno a vivenciar sucessos e fracassos de modo que constituam estimulantes para maior esforço e auto superação...”*. Isto faria com que a aprendizagem tornasse mais significativa.

A autora destaca a influência que as condutas dos professores exercem sobre as atitudes dos alunos. O estilo de vida e o vocabulário do professor devem se constituir em atitudes positivas para os alunos em relação as aulas, para que isto os motive ainda mais.

Um exemplo de atitude negativa para as aulas de Educação Física Escolar é o professor tratar seus alunos de uma forma desigual, dando maior atenção e privilégios a uns em relação a outros.

KOBAL (1996) verificou em suas pesquisas relacionadas às aulas de Educação Física algumas atitudes que trazem consequências negativas para as mesmas: é desfavorável o alto número de alunos por turma; os alunos não gostam de ser comparados entre si; aqueles que apresentam poucas habilidades não gostam de ser encarados como os piores; os alunos também não gostam de participar de jogos de eliminação. Estes dados são de relevante importância para que os professores saibam que os alunos gostam de serem tratados com individualidade e respeito.

Todos os aspectos acima citados, deveriam ser evitados pelos professores pois assim, ele conseguiria trazer para as suas aulas, atitudes positivas dos alunos.

O professor, ao ministrar suas aulas, deve sempre introduzir um aspecto novo, desconhecido pelo aluno pois a novidade é algo que eleva a curiosidade das pessoas, logo é um aspecto motivacional muito forte. KUETHE (1977) afirma:

“as pessoas são motivadas a participar de novas atividades que difiram de suas experiências anteriores. Indubitavelmente, a curiosidade é um componente básico em relação à novidade”.

Considerando então, o professor como uma peça essencial para a motivação do aluno, é necessário que ele também esteja motivado, melhorando sua relação na motivação para a aprendizagem por parte do aluno.

Portanto, hoje o profissional de Educação Física precisa estar melhor preparado para ministrar suas aulas, pois ele trabalha com o ser humano, que por sua vez apresenta uma característica de ser mutável. Isto faz com que cada vez que nos relacionarmos com os alunos, situações diferentes irão acontecer.

Estas situações acabam gerando uma certa insegurança para nós, profissionais da área e resta-nos enfrentá-las com seriedade para que possamos crescer com elas, adquirindo uma estrutura de conhecimentos para que sejamos capazes de enfrentar diferentes problemas e

situações. Isto faria com que déssemos um salto em nossa competência profissional aumentando também a nossa motivação.

TANI (1992, p. 52) afirma:

“hoje um dos maiores problemas enfrentados pelos professores de Educação Física é exatamente a falta de segurança de que seus procedimentos didático-pedagógicos estão coerentes com evidências de estudos”.

Esta falta de segurança surge devido a uma falta de base em conhecimentos teóricos e científicos, responsáveis para um maior suporte nos procedimentos didático pedagógicos.

Verifica-se que diversos procedimentos didático-pedagógicos estão sendo transmitidos em formas de seqüências inadequadas, muito rígidas e presas aos modelos do passado, desestimulando totalmente o aluno.

Considerando que todo processo educacional precisa atender às necessidades biológicas, culturais, sociais e psicológicas do aluno, é preciso ter um domínio de todos os mecanismos e variáveis envolvidas no seu comportamento a fim de que estes se tornem pré-requisito para se extrair princípios de ensino coerentes para se atingir as expectativas e necessidades do aluno.

Segundo TANI (1992, p. 52) *“é interessante observar os alunos para obter o máximo de informações sobre ele para a partir daí estruturar seu programa de trabalho”.* Isto faria com que, através de referências de observações, o professor pudesse estabelecer objetivos,

métodos e conteúdos de ensino de acordo com as características dos alunos”.

Enfim cabe em grande parte ao professor a responsabilidade tanto de utilizar recursos para se motivar como também de desenvolver estratégias para motivar seus alunos para as aulas de Educação Física.

3 - A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

3.1 - UMA PESQUISA SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O conceito de Educação Física esteve e ainda está vinculado a uma tradição respaldada em certos valores como ordem e disciplina. Para que isto seja alterado, faz necessário refletir à respeito. MOREIRA (1995) diz que com esta reflexão não está se buscando a verdade, mas a interpretação de pensamentos que sejam sérios e autênticos, abrindo com isto, horizontes na busca de soluções para este problema.

Nesta disciplina, identificamos ainda hoje em várias instituições escolares, os mesmos modelos de aulas que eram propostas antigamente. Segundo o autor citado, há um significativo número de professores que ainda planejam suas aulas de acordo com um modelo padrão, sempre apresentando os mesmos conteúdos e também não se preocupando com a adequação de atividades às faixas etárias.

Em suas pesquisas sobre as aulas de Educação Física em algumas escolas, autor identificou vários fatores importantes: o professor mantém relações formais e de autoridade com os alunos, transmitindo o conteúdo da Educação Física escolar como um produto finalizado, sem nenhuma perspectiva de um processo a se desenvolver e a ser descoberto. O professor também explica a aula como sinônimo de cumprimento mecânico e rigoroso, simbolizando assim, a Educação Física pela uniformidade de ritmo e na execução de exercícios.

Devemos considerar o homem como um ser que se move e o seu movimento ultrapassa os limites de atividades mecânicas e repetitivas; é um ser que brinca e que não está somente preso à uma técnica; é um ser que sente e no entanto os fatores pesquisados na escola (acima citados), em nenhum momento privilegiam a Educação Física como uma ação educativa que preocupa-se com a sensibilidade.

Há ainda outro valor existente extraído das aulas que levam os alunos a não participarem da Educação Física escolar. As aulas, em sua maior parte, estão sendo voltadas para prática esportiva com característica de um esporte competitivo em que a cooperação e o individualismo estão ausentes e as leis que regulamentam os esportes são seguidas fielmente, existindo até mesmo um incentivo de se tirar proveito do mais fraco. (MOREIRA, 1995).

Isto não corresponde aos ideais da Educação Física escolar onde um dos seus principais objetivos é fazer com que todas as atividades propostas sejam abertas para as pessoas, desenvolvendo no homem a sua personalidade social. Esta maneira de trabalhar no esporte não leva a formação de um aluno crítico, consciente e sensível de acordo com a sua realidade.

Dentro das aulas de Educação Física Escolar, não está havendo uma preocupação de como é visto corpo. Segundo MOREIRA (1995), em suas pesquisas, em nenhuma oportunidade foi presenciado um trabalho no qual o aluno tivesse uma consciência do próprio corpo, ou que ele refletisse sobre o mesmo. Entretanto, vários trabalhos observaram que o corpo é visto como um objeto que, quando bem trabalhado,

melhora o seu rendimento. Muitas vezes as atividades que não eram adequadas aos corpos dos alunos acabam ridicularizando e desprezando os mesmos.

Segundo Sérgio (apud MOREIRA 1995), o corpo apresenta diversas funções sendo que não podemos desconhecê-las e nem mesmo desprezá-las. São elas:

- é através do corpo que se atinge uma concepção global do homem;
- a linguagem corporal torna-se um meio extraordinário de comunicação e diálogo;
- é através do corpo que é revelada uma cultura, uma história, uma personalidade;
- o corpo pensa e tem espírito e não se deve considerá-lo como uma máquina;
- as atividades corporais exercitam a criatividade, a alegria e o bem estar;
- é através do corpo que a cultura capta seus limites tanto os de ordem biológicas quanto os de ordem psicológicas.

Logo, não devemos deixar de considerar todas as questões referentes ao corpo que passam despercebidas no dia a dia da Educação Física Escolar, para que assim possa ser realizado um trabalho coerente com este contexto tão importante.

Os resultados das pesquisas nos mostram um fator importante em relação a este estudo: nas unidades, uma exagerada sensação de des-

prazer tanto pelos alunos quanto dos professores. Há uma ausência de ludicidade e prazer entre as manifestações dos alunos e uma relação de afastamento com o próprio professor.

Este fato é preocupante pois, segundo MOREIRA (1995, p. 24), *“é de se lamentar a constatação do desrespeito ao prazer e da perda de espaço para a vivência do lúdico, prejuízos alienáveis aos direitos da criança e do aluno na escola”*.

Um último dado da pesquisa relata a falta de sequencialidade no conteúdo proposto, não acompanhando o desenvolvimento e as características do aluno. Quanto a isso o autor afirma

“nas aulas de Educação Física Escolar, todos os conteúdos, os mesmos procedimentos de ensino, os mesmos objetivos propostos são vivenciados por alunos de diferentes faixas etárias, de diferentes séries e de diferentes conhecimentos ou experiências”.

Estes podem ser os principais fatores responsáveis pela perda de interesse dos alunos em participarem das aulas de Educação Física Escolar.

3.2 - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Infelizmente, hoje as crianças estão passando a maior parte do seu tempo dentro de casa assistindo TV, jogando vídeo-game ou ficando horas diante de um computador, perdendo uma rica experiência de vivenciar na infância, atividades que são responsáveis como produtoras de uma cultura corporal. Ao invés de estarem brincando, movimentando-se e desenvolvendo um maior número de atividades motoras, elas tornam-se cada vez mais alienadas a sociedade em que estão inseridas.

Cabe à Educação Física Escolar tentar resgatar um pouco este tempo perdido, proporcionando ao aluno um trabalho no qual ele possa aumentar o seu conhecimento corporal.

A Educação Física deveria procurar desenvolver na escola, potencialidades de movimento levando em consideração as características do aluno e todas as suas limitações. Deve dar-lhe a oportunidade de vivenciar e explorar diferentes formas de movimento capazes de aumentar o seu vocabulário motor e a sua liberdade de expressão.

FREIRE (1992) alerta para o fato de que os atos motores são indispensáveis ao aluno, não somente na relação com o mundo, mas também para que eles compreendam estas relações. O autor acredita que as habilidades motoras precisam ser desenvolvidas e deve-se ficar atento de quais serão as consequências disto do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

Em uma concepção humanista, PICCOLO (1995) afirma que a Educação Física pode contribuir para a formação do indivíduo, ao permitir que o aluno amplie suas limitações em todas as dimensões.

A Educação Física Escolar também deve proporcionar ao aluno uma autonomia para estabelecer relações com o grupo a que pertence, tornando-o um ser crítico e reflexivo, responsável para atuar na sociedade a que está inserido é o que refletem os autores do livro Metodologia de Ensino de Educação Física.

Para que a Educação Física Escolar cumpra com o seu papel educacional, PICCOLO (1995) afirma que devem ser propostas atividades que despertem nos alunos o prazer de executarem as atividades e que elas também sejam responsáveis por um crescimento evolutivo do aluno.

Assim, a Educação Física Escolar deve apresentar em seu conteúdo atividades responsáveis pela formação do ser humano e que ele possa ter a oportunidade de executar todas as tarefas.

4 - MOTIVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLAR

O homem manifesta toda a sua experiência corporal ao realizar uma ação motora. Esta experiência, segundo FREIRE (1991) é a expressão de toda a sua história, sua cultura e do seu conhecimento e é através destas ações motoras que ele se realiza, cumprindo com uma condição fundamental de sua existência.

A motivação já foi discutida neste estudo, mas neste momento ela vai ser direcionada às aulas de Educação Física Escolar.

O professor de Educação Física encontra em suas turmas os mais variados tipos de alunos: aqueles que são indiferentes para as aulas, aqueles que não se motivam para a sua prática, alunos que se interessam por atividades individuais a coletivas, entre outros.

Como foi visto anteriormente, a motivação é um aspecto específico de cada aluno, em que tanto fatores internos quanto externos podem influenciá-lo. Estes fatores podem fazer com que, frente às atividades propostas durante as aulas, os alunos apresentem diversas reações.

Uma forma de amenizar este problema, cabe ao professor levar sempre em consideração o conhecimento corporal que o aluno já possui e quais as influências que ele já sofreu e sofre na sua cultura corporal. Assim, seria exercitado o próprio conhecimento do aluno, deixando de ser algo monótono, motivando enfim sua ação (FREIRE, 1991).

KOBAL (1996) em seus estudos menciona algumas pesquisas sobre a Educação Física Escolar e nota que uma das maneiras de au-



mentar a necessidade e a satisfação de aprender dos alunos é fazer com que o ambiente de aula deles seja capaz de incentivá-los no seu desenvolvimento.

Pappaionnou (apud KOBAL, 1996) aconselha que os professores de Educação Física, para desenvolver um bom trabalho, devem propor aos alunos, atividades que sejam desafiantes; superar as dificuldades dos alunos através de informações; prover a autonomia dos mesmos; evitar críticas nas quais os alunos sejam desprezados e ser acessível a todos os estudantes.

O educador deve ser capaz de perceber que todo aluno necessita de uma exploração de movimento onde deve ser capaz de criar e fazer com que participe de todas as atividades. Desta maneira ele terá a oportunidade de descobrir todos os seus limites, ser capaz de perceber quais são os seus potenciais, desenvolvendo um auto-conceito, uma capacidade de tomar decisões e solucionar melhor os seus problemas.

Durante as aulas de Educação Física é que podemos notar as manifestações dos mais variados tipos de emoções. Segundo KOBAL (1996) neste momento, os alunos apresentam determinadas emoções raras de presenciar em outras circunstâncias.

Para MURRAY (1978), são as emoções que exercem efeitos motivadores sobre o comportamento e destaca também o papel das emoções na aprendizagem, percepção e desempenho. Para ele, a emoção é considerada uma classe especial de motivos e que quando despertados apresentam importantes expressões corporais.

De acordo com algumas leituras (MARCELLINO, 1990; ALVES, 1991; SNYDERS, 1988) dentre as emoções, o prazer é um dos principais responsáveis para a motivação na aprendizagem e para haver uma aquisição de conhecimentos.

Para KOBAL (1996, p. 104), o *“prazer com uma conotação de alegria, divertimento e satisfação, torna-se uma questão fundamental para a aprendizagem em aulas de Educação Física Escolar”*. Para a autora, a expressão corporal sendo em sentimento forte, tende a se permanecer quando é vivenciado com intensidade. E a aprendizagem, quando realizada de uma forma prazerosa também tende a permanecer.

Entretanto, dentro de uma instituição escolar, é difícil relacionar o prazer e a educação, já que parece não haver espaço para determinadas emoções. Isto se torna preocupante e tenta-se resgatar para as aulas de Educação Física a importância dos aspectos emocionais que estão sendo deixados de lado, já que a conquista do rendimento não é somente o único objetivo a ser alcançado.

ALVES (1991, p. 103) faz um alerta sobre a falta de prazer nas escolas e afirma que

“todos sabem que o único objetivo da educação é exercer a terrível transformação: fazer com que crianças esqueçam do desejo de prazer que mora em seus corpos selvagens, para transformá-los em patos domesticados que bamboleiam no ritmo da utilidade social.”

SNYDERS (1988) acredita que a vivência do prazer deve ser encontrado na escola tanto na aquisição de conhecimentos, como nas próprias relações com as pessoas que interagem neste meio.

O autor afirma que hoje um dos principais fatores para que a falta de motivação esteja acontecendo é a obrigação dos alunos em participarem das aulas, não sendo reconhecidos individualmente. Os alunos querem ser levados em consideração, querem ser conhecidos individualmente. Os alunos querem ser levados em consideração, querem ser conhecidos e reconhecidos e que os professores também levem em conta o interesse dos alunos.

Estes fatores não devem destruir o estilo do professor em função do alunos mas que ele tenha preocupação em vê-los evoluir.

SNYDERS (1888) afirma que algumas medidas devem ser tomadas para que haja um prazer maior entre a relação professor / aluno / aula: os alunos devem ser levados a sério; que eles tenham confiança no professor; todos os alunos devem ser tratados de uma maneira igual e que os professores devem encarar uma posição de ouvinte, sendo capaz de aceitar críticas, exposições e expectativas dos alunos.

É através desta relação entre discurso do professor e a prática pedagógica que o aluno percebe que é através de um simples movimento que ele poderá se expressar apresentando um contato com o mundo elaborando a sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, o referencial teórico enfatiza a importância da motivação para as aulas de Educação Física Escolar, mediante estratégias de ensino utilizadas pelo professor que possam levar o aluno a se motivar.

A motivação foi considerada como necessária para que o processo de ensino e aprendizagem se torne mais eficiente. No decorrer do estudo verificou-se a importância da motivação intrínseca para o desenvolvimento do indivíduo, propondo tarefas desafiantes, com diferentes níveis de complexidade, devendo dar a oportunidade, a autodeterminação e autonomia dos alunos.

Neste processo, o papel do professor é de relevante importância pois ele deve levar em consideração tudo que o aluno já sabe, reconhecendo as suas capacidades e limitações sempre variando a maneira de ministrar suas aulas.

O educador também deve permitir que os alunos escolham os níveis de dificuldade da tarefa, atribuindo as causas do sucesso ou fracasso ao seu próprio esforço e que um padrão de excelência seja alcançado com sucesso.

Devemos reconhecer entretanto, que a motivação é um aspecto individual e atingir todos os alunos da mesma forma é uma tarefa difícil e ambos (professor e alunos), devem caminhar juntos na tentativa de obtê-la.

Com este trabalho busco alertar a todos os professores e atuantes na área de Educação Física sobre os fatores motivacionais que possam levar os alunos a perderem o interesse pelas aulas.

Espero que, com este trabalho, surjam reflexões e discussões que possibilitem encontrar formas mais apropriadas de educar.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. Estórias de quem gosta de ensinar. 15.^a ed. - São Paulo: Cortez, 1993 (Polêmicas do nosso tempo, 9).
- BRITTO, S. P. Psicologia da Aprendizagem centrada no Estudante. 3.^a ed. - Campinas: Papyrus, 1989.
- CAMPOS, D. M. de Souza. Psicologia da Aprendizagem. 7.^a ed. - Petrópolis: Vozes, 1976.
- COFER, C. N. Motivação e Emoção. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, J. B. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scipione, 1992.
- FREIRE, J. B. De corpo e alma - o discurso da moricidade. São Paulo: Summus, 1991.
- ff) - KOBAL, M. C. Motivação Intrínseca e Extrínseca. Campinas, 1996. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Educação Física, Unicamp, 1996.
- KUETHE, James I. O Processo de Ensino - Aprendizagem. Porto Alegre: Globo, 1977.
- MAGILL, R. A. A Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações. São Paulo: Edgard Blücher Ltda., 1984.
- MARCELLINO, N. C. Pedagogia da Animação. Campinas: Papyrus, 1990.

- MOREIRA, W. W. Educação Física Escolar: A Busca da Relevância.
Educação Física Escolar: Ser... ou não ter ? (in Piccolo, org.). 3.^a
ed. - Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- MURRAY, E. J. Motivação e Emoção. 4.^a ed. - Rio de Janeiro: Zahar,
1978.
- PICCOLO, V. L. N.(org.). Educação Física Escolar: Ser... ou não ter ?.
3.^a ed. - Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- SABINI, M. A. C. Psicologia aplicada à Educação. São Paulo: EPV,
1996.
- SNYDERS, G. A alegria na escola. São Paulo: Manole, 1988.
- TANI, G. O. . Variabilidade de Resposta e Processo Adaptabilidade
em Aprendizagem Motora. *Revista Paulista de Educação Física,*
V. 6, n.º 1 p. 47-52, janeiro/julho, 1992.
- THOMAS, A. Esporte: Introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao
Livro Técnico, 1983.
- VIEIRA, M. A. Problemas de Motivação em aulas de Educação Física
na 7.^a e 8.^a séries do 1.º grau. Campinas, 1991. Monografia de Es-
pecialização em Educação Física Escolar - Faculdade de Educa-
ção Física - Unicamp, 1991.
- WINTERSTEIN, P. J. Motivação, Educação Física e Esporte. *Revista
Paulista de Educação Física Escolar* - Faculdade de Educação Fí-
sica - Unicamp, 1991.
- WITTER, G. P., LOMONACO, J. F. B. Psicologia da Aprendizagem. São Paulo: EPU, 1984.